

A primeira parte de um estudo sobre a expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa: a fala de jovens cariocas em regime socioeducativo

Andrei Ferreira de Carvalhaes Pinheiro

PINHEIRO, Andrei F.C. A primeira parte de um estudo sobre a expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa: a fala de jovens cariocas em regime socioeducativo, *Linguística Rio*, vol.2, n.2, abril de 2016.

ISSN: 2358-6826

[www.linguisticario.lettras.ufrj.br/uploads/7/10/5/2/7052840/pinheiro.pdf]

Informações do autor

Andrei FC Pinheiro / PIBIC-CNPq
Graduando em Letras: Português-Inglês
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Contato: andreifcpinheiro@gmail.com

Outras informações

Enviado: 14 de fevereiro de 2016

Aceito: 05 de março de 2016

Online: 10 de março de 2016

RESUMO: Nossa pesquisa refere-se à expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa, em referência anafórica, na fala de jovens em regime socioeducativo. Depreendemos, na análise, variação entre sintagma nominal, pronome e anáfora zero. Com base na Teoria Variacionista de Labov (1972) e em pressupostos da Linguística Funcional Norte-Americana, observamos a expressão da anáfora zero – que consideramos ser mais produtiva – conforme a influência dos seguintes grupos de fatores: (1) paralelismo quanto à forma de referência, segundo Scherre (1998), (2) distância entre as menções, (3) mudança do turno de fala, (4) manutenção ou não da função sintática e (5) animacidade do referente. Consideramos que o perfil social dos informantes era homogêneo e, por isso, não trabalhamos fatores sociais. Nossos resultados confirmam tendências já apontadas por pesquisas anteriores: (a) “Quanto mais previsível a informação, menos codificação linguística ela recebe” (GIVÓN, 1983: 67) e (b) no português brasileiro, tende-se a zerar o objeto direto de 3ª pessoa em referência anafórica (OMENA, 1978).

PALAVRAS-CHAVE: Objeto direto; Sociolinguística; Funcionalismo

Introdução

Já há algum tempo, a expressão variável dos referentes no discurso tem interessado diversos autores, como Omena (1978) e Paredes Silva (1988). Com essa pesquisa, orientada pela Profa. Dra. Vera Lúcia Paredes Silva¹, a nossa proposta é expandir o que se sabe acerca da variação do objeto direto de 3ª pessoa em referência anafórica.

Analizamos, para tal fim, a Amostra EJLA – um corpus novo, parte do acervo do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL). Essa Amostra, composta por entrevistas sociolinguísticas gravadas em 2006, permitiu que observássemos a fala de jovens cariocas internos em regime socioeducativo, em instituição pública no Estado do Rio de Janeiro.

¹ Agradeço fortemente à Profa. Vera por toda a orientação, por toda a ajuda e pela confiança com que tenho contado desde o início do meu aprendizado com ela.

A partir dos dados recolhidos ², depreendeu-se a variação entre *sintagma nominal* (SN), *pronome* – nominativo, em função acusativa – e *anáfora zero*, exemplificada em (1) e em (2):

- (1) Entrevistador: – E você tem filhos?
Informante 'I': – Tenho \emptyset não, graças a Deus.
- (2) Informante 'J': – Só estava pedindo ao Senhor mesmo para, como, não tirar minha mãe daqui. Se for tirar **ela**, tira eu. Se eu perder **minha mãe**, vou aprontar muito ³.

Baseamo-nos, pois, na Teoria Variacionista de Labov (1972), por tratarmos de formas variantes analisadas no mesmo contexto. Além disso, por estudarmos a língua em situação real de uso e uma expressão morfossintática variável, juntamente com suas implicações discursivo-pragmáticas, apropriamo-nos de princípios da Linguística Funcional Norte-Americana.

A análise dos dados foi de acordo com as seguintes etapas. Primeiramente, a partir das transcrições das entrevistas ⁴, selecionamos os dados a serem analisados. Esses dados foram, em seguida, codificados, conforme os grupos de fatores que consideramos relevantes – e que serão apresentados na próxima seção –, para que, enfim, se realizassem rodadas no programa GoldVarb 2001 ⁵.

A nossa hipótese era de que a anáfora zero seria a variante mais produtiva, visto que se observaram diversos casos de menções muito próximas a um mesmo referente. Por isso, a anáfora zero foi tomada como aplicação da regra, o que quer dizer que todos os resultados são apresentados do ponto de vista desta variante.

1. Os grupos de fatores e os dados levantados

Por se tratar de uma pesquisa de abordagem sociolinguística variacionista, seria esperado que se trabalhassem fatores sociais. No entanto, consideramos o perfil dos falantes homogêneo, visto que todos são do sexo masculino, encontram-

² Recolheram-se dados de 13 entrevistas.

³ Os elementos em negrito indicam as formas analisadas, e os elementos sublinhados indicam suas menções prévias.

⁴ As entrevistas foram transcritas por bolsistas de Iniciação Científica participantes do PEUL, por meio do programa EXMARaLDA, sob a supervisão da Prof.ª Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva.

⁵ O pacote estatístico GoldVarb 2001 permite uma análise multifatorial dos dados, não só atribuindo peso relativo aos fatores postulados em cada grupo, mas indicando sua ordem hierárquica.

se na mesma faixa etária (de 14 a 19 anos, quando das entrevistas) e tinham, até então, baixa escolaridade (de *iletrado* ao 7º ano do Ensino Fundamental).

É necessário ressaltar que houve significativo desequilíbrio quanto à quantidade de dados encontrados em cada entrevista, o que pode acontecer ao se analisarem entrevistas sociolinguísticas. Contudo, sabendo que as ocorrências do fenômeno estudado são menos numerosas do que, por exemplo, ocorrências de sujeito, e considerando o perfil dos informantes homogêneo, utilizamos todos os dados levantados.

Os fatores linguísticos considerados relevantes para o estudo dessa variação foram majoritariamente de natureza funcional, a saber: (a) paralelismo quanto à forma de referência, (b) distância entre as menções, (c) mudança do turno de fala e (d) manutenção ou não da função sintática. Para além desses, consideramos (e) animacidade do referente – um grupo de fatores de natureza semântica. Dispomos os grupos de fatores, aqui, conforme selecionados pelo GoldVarb 2001. A princípio, portanto, a variável paralelismo teria sido aquela que mais influenciou a expressão da anáfora zero

2. Os resultados encontrados

A nossa hipótese inicial de maior produtividade da anáfora zero foi confirmada, como se vê na Tabela 1. Dos 964 dados levantados, pouco mais da metade foram casos de não preenchimento do objeto. Destaca-se, ainda, a baixa ocorrência de pronome, variante encontrada em apenas 8% dos dados ⁶.

Variante	Total	% ⁷
Anáfora zero	500	52%
SN	387	40%
Pronome	77	8%
TOTAL	964	

Tabela 1: Distribuição geral das variantes

A seguir, explora-se a influência de cada variável indicada anteriormente na expressão da anáfora zero.

⁶ No entanto, como lembra Castilho (2010: 475), a função de substituir o nome, além de ser “a propriedade por excelência dos pronomes”, estaria na base da própria etimologia do termo *pro* + *nome*.

⁷ Valores aproximados.

2.1. Paralelismo quanto à forma de referência

O primeiro grupo de fatores selecionado pelo GoldVarb 2001 foi o paralelismo. Quando indicamos essa variável, imaginamos, com base em Scherre (1998), que, de uma maneira quase mecânica, uma forma levaria a formas subsequentes iguais. Ou seja, a expressão de um zero levaria a zeros em cadeia, por ser essa a forma mais disponível na mente do falante e, portanto, mais recuperável por ele na fala, como se exemplifica em (3):

- (3) Informante 'F': – Eu comecei [a roubar]⁸ com nove anos. Meu pai- meu pai ficava fumando maconha na nossa frente. Aí eu e meus irmãos começamos a fumar \emptyset também. Ficava olhando onde que ele guardava \emptyset , pegava \emptyset e fumava \emptyset .

No entanto, o paralelismo não se restringe apenas à retomada de formas usadas pelo próprio falante: observaram-se casos em que o informante se apropria da forma empregada pelo entrevistador. Indicam-se, com isso, “respostas-eco”⁹, nas quais o informante pode retomar inclusive a forma verbal utilizada pelo seu interlocutor, como se vê abaixo:

- (4) Entrevistador: – Aqui você vê até a Baía de Guanabara, né? Vê até a ponte Rio-Niterói.
Informante 'W': – Vê **a ponte**, vê a cidade.

Analisamos, também, casos em que não haveria influência do paralelismo. O dado em (1), retomado aqui como (5), representa a não repetição de uma forma usada pelo entrevistador – que também se pode descrever como sendo uma retomada única ou primeira retomada em uma sequência –, e o dado em (6) exemplifica a quebra de sequências iguais na fala do próprio informante:

- (5) Entrevistador: – E você tem filhos?
Informante 'I': – Tenho \emptyset não, graças a Deus.

⁸ Elementos entre colchetes foram acrescentados, para garantir a inteligibilidade dos dados.

⁹ A mesma tendência foi apontada por Leandro de Aguiar Silva, em relação ao sujeito de 1ª pessoa do singular, em seu trabalho apresentado na XXXVI Jornada de Iniciação Científica da UFRJ.

- (6) Informante 'I': – (...) o cara dá um teco, fica tranquilo, porque ele tem dinheiro pra comprar. Ele tem Ø pra gastar. Ele tem **dinheiro**, irmão.

Na Tabela 2, dispõem-se os resultados encontrados para a variável paralelismo.

Paralelismo	Apl./Total	%	P.R.
Não há paralelismo (com o entrevistador; ou retomada única/1ª retomada)	282/395	71%	.75
Não há paralelismo (quebra de sequência de variantes iguais na fala do informante)	36/77	46%	.46
Há paralelismo na própria fala	162/397	40%	.44
Há paralelismo com o entrevistador	20/95	21%	.02
TOTAL	500/964	51%	

Tabela 2: Influência do paralelismo (segundo Scherre, 1998) na expressão do OD zero.

A partir do exposto na tabela acima, entende-se que, ao contrário do que havíamos pensado, parece haver mais ocorrências de anáfora zero quando não há influência do paralelismo. No entanto, é possível compreender o que acontece.

Como a nossa hipótese aparentemente não se confirmou, buscou-se a motivação da seleção desse grupo de fatores antes dos demais. O GoldVarb 2001 utiliza como critério de seleção a polaridade entre os pesos relativos (P.R.s) dos fatores. Como se observa acima, essa polaridade é notável – o que favorece a seleção desse grupo: de .75, mais influente à expressão da anáfora zero, a .02, menos influente.

Além disso, pode-se identificar claramente a relevância dos casos em que não há paralelismo com o entrevistador (também considerados casos de retomadas únicas ou de primeiras retomadas). Essas sequências, muito numerosas em se tratando de entrevistas, são, de fato, desfavorecedoras do paralelismo quanto à anáfora zero, visto que a menção anterior à menção analisada tende a ser explícita¹⁰.

Em relação aos casos em que se observam quebras de sequências de variantes iguais – como ilustrado em (6) –, vê-se, pela análise da tabela, que não são muito numerosos. Já os dados em que o paralelismo efetivamente atua – como

¹⁰ Ver subseções “Distância entre as menções” e “Mudança do turno de fala”.

em (3) – apresentam-se em maior número. Contudo, nota-se que é pouca a diferença entre a quantidade de zeros nos dois casos aqui mencionados.

Por fim, analisemos a influência do paralelismo com o entrevistador. Sabe-se que, dado o seu papel na situação comunicativa, o entrevistador mais propõe temas do que os retoma. Portanto, é mais provável que ele explicita os referentes que menciona, ao contrário do entrevistado, que, ao retomar elementos introduzidos pelo entrevistador, tende a não os explicitar. Desse modo, não esperávamos que, em se tratando da anáfora zero como aplicação da regra, se notasse grande influência do paralelismo entre entrevistado e entrevistador.

Na verdade, ao que tudo nos indica, o fato de o paralelismo não ter apresentado resultados na direção esperada (cf. SCHERRE, 1998) mais se refere à baixa ocorrência de sequências em cadeia. Como, em geral, o discurso dos informantes é bastante fragmentado, os elementos tendem a não se manter no discurso por muito tempo, o que não favorece retomadas por formas não preenchidas.

2.2. Distância entre as menções

A nossa hipótese, ao indicarmos a variável distância, era de que, quanto mais próximas, entre si, as menções a um mesmo referente, maior a tendência de ele não ser explicitado, visto que estaria mais presente no discurso e, então, mais “vivo” na mente dos falantes.

Pela observação dos resultados dispostos na Tabela 3, comprova-se a nossa hipótese. Ressalta-se, ainda, a gradual queda dos pesos relativos conforme as menções se distanciam: essa gradação comprova que menções mais próximas entre si tendem a privilegiar o zero, como se vê em (7), enquanto retomadas mais distantes privilegiam formas explícitas, para melhor recuperação do referente, o que se exemplifica em (8).

(7) Entrevistador: – Você gosta de futebol?

Informante ‘G’: – Jogo \emptyset , gosto de jogar \emptyset aqui. Aqui eu jogo \emptyset .

(8) Informante ‘J’: – [meu pai] Botou até foto na polícia, pra ver se eu tava morto. Tá/tava rodando na pista, roubando. Aí fui lá na casa da minha mãe, vi **a foto**, aí liguei pra casa do meu pai.

Distância	Apl./Total	%	P.R.
Oração anterior	350/583	60%	.62
2 orações antes	102/216	47%	.46
3 orações antes	27/46	36%	.24
4 orações antes	11/51	21%	.12
5 ou mais orações antes	10/41	24%	.11
TOTAL	500/964	51%	

Tabela 3: Influência da distância entre as menções na expressão do OD zero.

2.3. Mudança do turno de fala

Como já indicado na seção destinada à variável paralelismo, o que se observou na mudança de turno foi a tendência de o entrevistado retomar por um zero um elemento ao qual o entrevistador se referiu, como se vê na tabela abaixo:

Influência do turno	Apl./Total	%	P.R.
Alterna-se o turno	169/251	67%	.87
Mantém-se o turno	331/713	46%	.33
TOTAL	500/964	51%	

Tabela 3: Influência da mudança do turno de fala na expressão do OD zero.

Pode-se explicar essa tendência através do tipo de pergunta predominante nas entrevistas analisadas. Observe-se, pois, o exemplo em (9):

- (9) Entrevistador: – Quando as igrejas- tem igreja aqui, né?
 Informante ‘V’: – Tem Ø.

A pergunta do entrevistador, do tipo *sim/não*, tem como resposta uma sentença tão curta que mais se aproxima de um “sim”, favorecendo a anáfora zero. Destaca-se, também em apoio à expressão de um zero, que a resposta do entrevistado ocorre muito próxima à pergunta que lhe foi feita, o que garante a boa interpretação do elemento a que se refere.

Já quando da manutenção do turno, tanto variantes explícitas quanto a anáfora zero se podem produzir, como ilustrado em (10):

- (10) Informante 'D': – (...) ele não fuma cigarro, eu não mando **cigarro** pra ele. Se ele fumasse Ø, eu mandava Ø pra ele também.

2.4. Manutenção ou não da função sintática

Ainda em relação à previsibilidade do elemento no discurso, propusemos que se considerasse a função sintática do referente analisado. Consideramos que, quando o elemento se mantém na função de objeto direto, ele se faz mais previsível, o que favorece a anáfora zero – exemplo em (7), retomado aqui como (11) –, ao contrário do que ocorreria ao se alterar a função sintática – caso ilustrado em (12).

- (11) Entrevistador: – Você gosta de futebol?
Informante 'G': – Jogo Ø, gosto de jogar Ø aqui. Aqui eu jogo Ø.
- (12) Informante 'L': – O cara era trabalhador, aí, tipo assim, o padraço do cara não gostava dele, não. Aí ficava- ele matou **o padraço**, teve que ir pra favela.

A partir da observação da tabela abaixo, nota-se que a nossa hipótese se confirmou:

Função sintática	Apl./Total	%	P.R.
Mantém-se a f. sintática	401/694	57%	.54
Altera-se a f. sintática	99/270	36%	.38
TOTAL	500/964	51%	

Tabela 3: Influência da manutenção e da alteração da função sintática na expressão do OD zero.

2.5. Animacidade do referente

Quanto ao traço [+/- animado] do referente, pensávamos encontrar menos pronomes em referência a elementos de traço [- animado], conforme tendência já constatada por Mollica (2003) e por outros pesquisadores. Como retomadas por anáfora zero seriam mais produtivas do que retomadas por SNs, a nossa hipótese

seria de o de traço [- animado] favorecer a expressão da anáfora zero, o que se confirma pelos resultados dispostos abaixo ¹¹.

Animacidade	Apl./Total	%	P.R.
- animado	353/621	56%	.54
+ animado	147/343	42%	.41
TOTAL	500/964	51%	

Tabela 3: Influência da animacidade do referente na expressão do OD zero.

Os exemplos (11) e (12), apresentados na subseção anterior, ilustram, respectivamente, retomadas a elementos de traço [- animado] e [+ animado].

3. Conclusões e próximos passos

Com base em todo o exposto, destacamos que, quanto a aspectos discursivo-pragmáticos, os resultados encontrados na nossa pesquisa corroboram a tendência de menos codificação linguística ser necessária em referência a elementos mais previsíveis (GIVÓN, 1983). Apesar da diferença de grupo social analisado e do intervalo temporal entre as amostras, a nossa pesquisa confirma, também, a tendência – já apontada por Omena (1978), por exemplo – de, no português brasileiro, se expressar o objeto direto em referência anafórica preferencialmente por meio da anáfora zero.

Contudo, nosso estudo não se encerra com este trabalho. Daremos continuidade pela análise de outro corpus, constituído por conversas de *WhatsApp* entre jovens estudantes da graduação, recolhidas em 2015. Analisando, pois, outro gênero discursivo, cujos interlocutores apresentam perfil social diferente dos jovens da Amostra EJLA, esperamos explorar ainda mais a variação do objeto direto de 3ª pessoa e contribuir com novas informações acerca desse fenômeno variável, num uso contemporâneo.

¹¹ Apesar de essa informação não constar na tabela, é relevante notar que, no corpus analisado, todas as 77 ocorrências de pronome indicadas na Tabela 1 referiam-se a seres de traço [+ animado].

REFERÊNCIAS

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

GIVÓN, T. Topic continuity in discourse: The functional domain of switch-reference. In: HAIMAN, J. e MUNRO, P. (ed.) *Switch Reference and Universal Grammar: Proceedings of a symposium on switch reference and universal grammar, Winnipeg, May 1981*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 51-82, 1983.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Marta Scherre e Carolina Cardoso. São Paulo, Parábola Editorial, 2008. Título original: *Sociolinguistic Patterns*, 1972.

MOLLICA, Maria Cecília. Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo. In: PAIVA, M. C. de e DUARTE, M. E. L. (org.) *Mudança linguística em tempo real*, Rio de Janeiro: Contracapa/FAPERJ, pp. 129-138, 2003.

OMENA, Nelize Pires de. *Pronome pessoal de 3ª pessoa: suas formas variantes em função acusativa*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras. 117 fl. Mimeo, 1978.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. *Cartas cariocas: a variação do sujeito na escrita informal*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

----- . Continuidade de referência: nomes, pronomes e anáfora zero em gêneros da fala e da escrita. In: *Revista Linguística*, PPGLinguística, UFRJ, v. 3, n. 1, pp. 159-178, 2007.

----- . *A expressão do sujeito no português carioca contemporâneo: variação e mudança*. Projeto de Pesquisa (em andamento). CNPq/Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

ROBINSON, John ; LAWRENCE, Helen ; TAGLIAMONTE, Sali. *GoldVarb 2001: A Multivariate Analysis Application for Windows*. Manual do usuário, 2001. Disponível em : <<http://www.romanistk.uni-freiburg.de/pusch/Download/variacionismo/>>. Acesso em 01/03/2016.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo linguístico. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, pp. 29-59, 1998.

SCHMIDT, Thomas; WÖRNER, Kai. EXMARaLDA – Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research, *Pragmatics* 19. 2009

VOTRE, Sebastião Josué; NARO, Anthony Julius. Mecanismos funcionais do uso da língua. In: MACEDO, A.T.; C. RONCARATI & M.C. MOLLICA (orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

ABSTRACT: Our research refers to the variable expression of the third person direct object in anaphoric reference in the speech of young men admitted to young offender institutions. We analyzed variation among noun phrase, pronoun and zero anaphora. Based on Labov's Variationist Theory (1972) and on theoretical assumptions of the North-American Functional Linguistics, we observed the expression of zero anaphora – which we considered to be the most productive choice – according to the influence of the following variables: (1) parallelism concerning the form of reference, according to Scherre (1998), (2) distance between the mentions, (3) change in the speech turn, (4) maintenance or not of the syntactic function, and (5) the referent's animacy. We considered that the informants' social profile was homogeneous, and, thus, we did not discuss social factors. Our results confirm two tendencies already shown in previous research: (a) "The more predictable the information, the less coding it receives" (GIVÓN, 1983: 67), and (b) in Brazilian Portuguese, speakers tend to express the third person direct object in anaphoric reference by zero (OMENA, 1978).

KEYWORDS: Direct object; Sociolinguistics; Functionalism.

PINHEIRO, Andrei F.C. A primeira parte de um estudo sobre a expressão variável do objeto direto de 3ª pessoa: a fala de jovens cariocas em regime socioeducativo, *Linguística Rio*, vol.2, n.2, abril de 2016.

Enviado: 14 de fevereiro de 2016
Aceito: 05 de março de 2016
Pub. Online: 10 de março de 2016

ISSN: 2358-6826

[www.linguisticario.lettras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/pinheiro.pdf]

